



O poder da linguagem na linguagem do poder

The power of language in the language of power

Recebido: 15/09/2022 | Aceito: 10/12/2022 | Publicado: 13/12/2022

Felipe Nilo Martins de Faria¹


 <https://orcid.org/0000-0002-8585-3592>


 <http://lattes.cnpq.br/809507090985318>

Centro Universitário de Goiás, UNIGOIÁS, Brasil

E-mail: fenilomartins@hotmail.com

Ludimila Stival Cardoso²


 <https://orcid.org/0000-0002-6233-0967>


 <http://lattes.cnpq.br/04642047295608922>

Centro Universitário de Goiás, UNIGOIÁS, Brasil

E-mail: lulusco.lsc@gmail.com

Mairy Aparecida Pereira Soares Ribeiro³


 <https://orcid.org/0000-0001-5571-7154>


 <http://lattes.cnpq.br/9493269932458337>

Universidade Católica de Brasília, UCB/DF, Brasil

E-mail: mairyribeiro@hotmail.com

Vagner Reis Silveira⁴


 <https://orcid.org/0000-0002-0367-206X>

 <http://lattes.cnpq.br/2083628300922135>

Centro Universitário de Goiás, UNIGOIÁS, Brasil

E-mail: vagner.silveira@unigoias.com.br

Antônio Adônnis Sátiro de Souza⁵

 <https://orcid.org/0000-0001-7147-8093>

 <http://lattes.cnpq.br/3701750444824795>

Centro Universitário de Goiás, UNIGOIÁS, Brasil

E-mail: esp.satiro@gmail.com

Resumo

O tema do presente trabalho é a linguagem como instrumento de manipulação usado pela elite para influenciar o povo. Neste sentido, o objetivo principal é a análise da Carta Testamento de Getúlio Vargas, publicada em 23 de agosto de 1954, a qual é um documento histórico que exemplifica como a linguagem ao longo da história se

¹ Cursando de Segurança Pública pela instituição UNIGOIÁS, tem ensino médio completo pelo Colégio Fractal, possui conhecimentos específicos da área de segurança pública.

² Possui graduação em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Goiás (2006). Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Relações Internacionais, Bilaterais e Multilaterais. Mestre em comunicação pela Universidade Federal de Goiás, tendo realizado Estágio Docência durante seis meses. Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás, com experiência de estágio docência nos cursos de Relações Internacionais e Educação Intercultural Indígena.

³ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás (1998), graduação em Letras-Libras/ UFG, Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Literatura (2001), Especialização em Letramento Informacional (2015) e Mestrado em Educação pela PUC Goiás (2004). Doutoranda em Psicologia- UCB-Brasília.

⁴ Atualmente é Professor Adjunto no Centro Universitário de Goiás /Goiânia-GO. Mestre em Ecologia e Doutor em Eng. Civil. Consultor de Licenciamento Ambiental e Planejamento Logístico de empreendimentos Rodoviários desde 2009. Revisor do periódico UTTAR PRADESH JOURNAL OF ZOOLOGY. Atua com Ensino a Distância desde 2006.

⁵ Atualmente é Professor Auxiliar no Centro Universitário de Goiás/Goiânia-GO. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação, MUST University, Flórida, EUA. Licenciado em Ciências Sociais pelo Centro Universitário ETEP/SP. Graduado em Filosofia e Pedagogia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metropolitana de Santos - FECH/UNIMES-SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3701750444824795> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7147-8093>. E-mail: esp.satiro@gmail.com.

tornou-se esse *pharmakon*. Para validação do trabalho, o uso das pesquisas bibliográfica e documental, por meio do método dedutivo-analítico que possibilita que o texto seja organizado pela viés histórico da chegada dos jesuítas até os dias atuais, tendo a linguagem como fio condutor que permite inferir como considerações finais que ela- a linguagem- ratificada pela Carta-Testamento foi e é objeto de dominação da massa, usada como um veneno ideológico que manipula o povo com o uso de meios midiáticos, econômicos e social, tornando os brasileiros reféns de uma minoria que controla o poder governamental ao longo da história brasileira.

Palavras-chave: Linguagem. Poder. Carta-Testamento. Povo.

Abstract

The theme of this work is language as a manipulation tool used by the elite to influence the people. In this sense, the main objective is the analysis of the Carta Testament by Getúlio Vargas, published on August 23, 1954, which is a historical document that exemplifies how language throughout history has become this pharmakon. For validation of the work, the use of bibliographical and documental research, through the deductive-analytical method that allows the text to be organized by the historical bias of the arrival of the Jesuits until the present day, having the language as a guiding thread that allows inferring as considerations that it - the language - ratified by the Letter-Testament was and is the object of mass domination, used as an ideological poison that manipulates the people with the use of media, economic and social means, making Brazilians hostages of a minority that controls government power throughout Brazilian history.

Keywords: Language. Power. Will Letter. People.

1. Introdução

O tema desse trabalho versa sobre a Carta Testamento de Getúlio Vargas, publicada em 23 de agosto de 1954 (BRASIL, 2022) em um contexto político e econômico de forte relevância e comoção nacional, trazendo um sentimento de patriotismo e interesse político por parte da população brasileira.

Assim, o objetivo principal é analisar o uso da linguagem como instrumento histórico e político de manipulação da massa, sobretudo, na referida missiva. Logo, configura-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, com método dedutivo analítico (MARKONI E LAKATOS, 2007), pois parte da linguagem que é universal, por se constituir como um *pharmakon* até a análise da Carta Testamento de Getúlio Vargas, para exemplificar os recursos e meios utilizados para que tal documento possa ser considerado de cunho majoritariamente político e a importância da compreensão da linguagem como ferramenta política e de persuasão.

Neste sentido, nas seções ao longo do texto, será abordado o contexto história resumido da ascensão de Vargas ao poder, juntamente com o papel da linguagem e a análise fragmentada da Carta Testamento.

1.2. Da história para a história: a linguagem como instrumento do Poder

A linguagem considerada pelo filósofo grego Platão como um *pharmakon*, se mostra como um grande veneno ao longo da História do Brasil, precisamente como base mantenedora das relações de poder entre a elite dominante. Assim, embora possa significar remédio ou cosmético o que prevalece com seu uso é o seu lado maléfico.

Observa-se esse *pharmakon* no processo de colonização em que subjacente aos sermões dos jesuítas estava a subordinação à Coroa Portuguesa, ou seja, o discurso aparentemente de fé pregava muito mais que a fé em Deus, ou os dogmas cristãos, mas também a aceitação ao imperialismo português e a negação das crenças dos povos autóctones que aqui- no Brasil- viviam.

Neste sentido, Comparato afirma que

Como órgão auxiliar dessa estrutura dualista de poder sempre atuou a Igreja Católica [...] Mesmo após a separação entre a Igreja e o Estado, estabelecida pela primeira Constituição republicana de 1891, a Igreja Católica exerceu no Brasil uma influência decisiva, em defesa da ordem política estabelecida[...]. Cada um desses grupos de poder sempre busca, antes de tudo, realizar o seu próprio interesse e não o bem comum do povo. (2014,p.2)

Logo, a linguagem torna-se a ferramenta de mediação desses tratados de interesses de alguns, a saber: o próprio Rei, os comerciantes ligados ele e os militares, também, é claro; a Igreja, em detrimento da maioria, ou seja, o povo, que sempre ficou à margem das benesses desse sistema de governo que desde a sua gênese pauta-se nas premissas do capitalismo.

Por isso, que após a “questão militar” em que os militares entraram em desacordo com o Imperador D.Pedro II e com os proprietários de terras, Konder (2014) afirma que

É nesse contexto que sobrevém a Proclamação da República. Como sempre em nossa História, o povo ficou totalmente alheio ao episódio. Aristides Lobo, que assistira à manifestação de protesto de Deodoro e sua tropa no Campo de Santana, assim declarou: “O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditavam sinceramente estar vendo uma parada.” (p.5)

Essa citação demonstra o quanto o povo estava desinformado em relação às ações do então Imperador e o rompimento provisório do apoio dos militares ao seu reinado, ratificando que para quem ocupa o poder no Brasil, o papel do povo é de mero espectador das ações dos que ocupam o poder governamental.

Posteriormente, à queda do Imperador D. Pedro II, ascende ao poder do governo brasileiro o consulado dos Marechais militares Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, afinal tinham derrubado a monarquia conforme os interesses dos proprietários de terra, alcançaram o que almejavam.

A ascensão dos militares ao governo foi tumultuada, pois caberia a eles devolvê-lo aos civis, ou seja, “ as oligarquias dominantes”, por isso, que na República Velha

O restabelecimento da supremacia do poder civil não significou um apaziguamento da insubordinação dos militares; longe disso. Já em 1904, ..., deu-se no Rio de Janeiro a Revolta da Escola Militar da Praia Vermelha, na qual morreram, em confronto com as forças policiais, além de um aluno, o tenente-coronel e senador Lauro Sodré e o general Travassos. [...]

Na década de 20, com o chamado movimento tenentista, irrompeu a revolta da jovem oficialidade do Exército contra a falsidade de uma representação política subordinada ao poder latifundiário. (COMPARATO, K.;2014, p.6)

Essa insubordinação, a que se refere Comparato, demonstra que as relações na esfera do poder eram corrompidas por interesses de latifundiários, ou seja, os

governantes militares acatavam as orientações da elite econômica, prevalecendo um sistema de governo corrompido pelo capital, portanto, mesmo com a Revolução de 1930, a chamada “Era Vargas”, essa prática se mantém, conforme Comparato

Getúlio apoiou a candidatura do General Dutra, que o depusera em 1945. Afastou, com isso, toda oposição militar ao processo eleitoral, além de tranquilizar o grande empresariado, inquieto com a livre atuação dos militantes comunistas. (p.8)

O governo do (já então) Marechal Dutra representou a primeira grande experiência de liberalismo capitalista no Brasil. (p.9)

Ao voltar legitimamente à presidência da República pela via eleitoral em 1951, Getúlio Vargas pôs fim à orientação liberal privatista do seu antecessor, suscitando com isso a oposição do empresariado à sua linha de governo. (2014,p.9)

Neste sentido, a oposição do empresariado à linha de governo de Getúlio Vargas suscitou no apoio do empresariado aos militares que em fevereiro de 1954, através do chamado “manifesto dos coronéis”, [...] forçou Getúlio Vargas a exonerar João Goulart, Ministro do Trabalho, e o General Ciro Espírito Santo Cardoso, Ministro da Guerra, e, posteriormente, exigiu a renúncia de Getúlio Vargas.

As Forças Armadas permaneceram em estado de constante agitação, mesmo derrotadas pelo inesperado golpe do suicídio, somando-se a ideia de fortalecimento dos ideais comunistas, pois

Em janeiro de 1959, um fato relevante mudou o cenário político de toda a América Latina: um grupo de revolucionários cubanos, sob a liderança de Fidel Castro, tomou o poder na ilha, instaurando um regime comunista.(p.10)

As eleições para a sucessão de Juscelino Kubitschek voltaram a trazer grande insatisfação no seio das Forças Armadas. Candidato da coligação partidária governista PSD-PTB, o já então Marechal Lott foi derrotado por Jânio Quadros, candidato da oposição.(COMPARATO,K.2014,p.11)

Assim, a linguagem torna-se a ferramenta de mediação desses tratados de interesses de alguns, a saber: o próprio Rei, os comerciantes ligados a ele e os militares, também, é claro; a Igreja, em detrimento da maioria, ou seja, o povo, que sempre ficou à margem das benesses desse sistema de governo que desde a sua gênese pautava-se nas premissas do capitalismo.

2. O *Pharmakon* na História do Brasil

Esse *pharmakon* também está presente no processo de renúncia do então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, em que subjacente à sua carta de renúncia ele – Presidente- Autor- apresenta sua versão dos fatos do seu governo conhecido como Segundo Governo de Vargas, que sofria por fortes crises econômicas, sociais e políticas desencadeadas pela sua procissão nacionalista no tipo de desenvolvimento do país, fato que gerou na sociedade burguesa um grande medo de um governo sindicalista o que não agradou as elites econômicas da época posto que elas estavam muito interessadas em uma privatização dos setores Estatais, resultando em uma crise econômica e política que por sua vez, influenciou no aumento constante da inflação e por consequência no custo de vida da população em geral, haja vista a defasagem do salário do trabalhador, impactando na crise social.

Esses fatores associados a fortes críticas tanto de jornais como: *O Globo* e *Tribuna da Imprensa*, além do documento de origem militar conhecido como:

Manifesto à Nação e os movimentos populares como: Marcha das Panelas Vazias foram determinantes para o possível suicídio de Getúlio Vargas.

3. A simbologia da Era Vargas: o apogeu e perigo da história do Brasil

É inegável o prestígio da luta travada por Vargas em toda a sua militância e a sua despedida como mártir da história deste país, que vem ao encontro de uma visão altruísta de um país que estava a construir-se a partir de uma república ainda em transição. Ao sair da monarquia, entrar na república, atravessar o Estado Velho, entrar em estado denominado Novo, o país assumiu novas responsabilidades de expansão tecnológica e de desafios políticos e econômicos, o que não podem ser confundidos com bem-estar político ou democracia, pois estes últimos não fariam parte da história naquele momento, ou seja por volta de 1929 ao final do governo de Washington Luís.

Foi papel do governo Vargas estabelecer no país os seus desejos íntimos de progresso baseado nos ideais positivistas de Auguste Comte (1798-1857), por isso a menção da bandeira “ordem e progresso” suscitava o desejo do nacionalismo que levou Vargas a impedir a posse do seu rival eleito para a presidência, Júlio Prestes.

É necessário que o Brasil compreenda por quê e por quem Getúlio morreu, e quando isso vier a ocorrer parte da nossa história estará explicada, pois segundo Vargas, o Estado foi feito para o homem e não o contrário e sua carta-testamento, sendo vista como o grande documento do Brasil, não é apenas uma carta que apresenta a sua renúncia ou uma despedida, mas se torna uma representação de tudo o que foi a sua oposição ao governo de Washington Luís, e este foi o motivo de Getúlio Vargas com a sua visão populista conseguir reunir militares dos diversos cantos do Brasil, invadir o Palácio do Catete e tomar posse da presidência de um país, para o qual não fora eleito.

Ao empossar como um presidente de um país mesmo sem ser eleito Getúlio Vargas veio mostrar aos quarenta milhões de brasileiros que à época habitavam o país que estava dando um basta aos ideais políticos da época para implantar os próprios ideais, reforçando a luta de um grupo militante que desejava o poder acima de tudo, e tinham o desejo de “manter a ordem e o progresso” maquiados na forma de governo, ou da personificação de uma pessoa. Getúlio havia feito da política a sua profissão, pois foi deputado federal em 1909 quando deu o seu pontapé na política até chegar à presidência em 1930 por meio do golpe, e não suficiente, continuou governando por decretos até 1934, até que se tornou presidente constitucional e criou uma forma de governar, dando anistia a tenentes e coronéis que estavam presos pelo governo antecessor, mas que lhe apoiaram para chegar ao Catete.

Vargas estabeleceu o voto secreto que de alguma forma vem mudar a mentalidade das pessoas acerca de como encarar as eleições! Defendeu o sufrágio feminino e definiu o voto obrigatório além da eleição por meio do voto para eleger o próximo presidente, ainda que fosse ele mesmo, o que foi estranho pois permaneceu sem eleições e como presidente até 1945 em resposta às tentativas de tirá-lo do poder à força da mesma forma que ele havia entrado.

Vargas consegue dominar e conquistar a elite da república do café (com leite), dos militares e do povo, e estabelece interventores por todos os estados em substituição aos Presidentes de Estado (de província), conquista a confiança da elite dominante, porque entende que precisa de aliados, para que continuasse no governo. Enquanto acontecia o fascismo na Itália, o nazismo na Alemanha, o Brasil vivia o “nacionalismo”, e com os atentados comunistas chegando por aqui, de alguma forma, Getúlio decreta ao Brasil o Estado de Sítio, dissolve o Congresso e estabelece o Estado Novo por meio de um novo golpe.

Feita esta visita ao recorte histórico da trajetória da ascensão política de Getúlio Vargas, fase em que ele estabelece a ditadura Vargas no Brasil, que até então não se afirmava de esquerda e nem a direita, ele traz um presente ao seu povo: uma legislação que defenda direitos ainda desconhecidos por aqui, uma lei que assegure o direito ao salário-mínimo, férias, décimo terceiro salário, carga horária máxima de labor por dia, ou seja, a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Vargas havia tirado o Brasil de uma monocultura para torná-lo um país industrializado, mesmo enquanto o restante do mundo vivia a Segunda Guerra, conseguindo dialogar e negociar investimentos para o Brasil com os Estados Unidos e Alemanha.

O fato curioso, é que ao editar a CLT, Vargas ganha a simpatia de pobres e assalariados, e a antipatia de empresários, pois embora seja um ditador absoluto, a classe que está sob o jugo da servidão passou de um comportamento de “servidão- apenas” para uma condição que Hegel já chamaria no século XVIII e mais tarde reafirmado por Marx no século XIX como “alienação do trabalho” ou seja: o indivíduo não se percebe, e passa a se comportar como defensor deste pensamento ainda eu seja um posicionamento contrário na sua essência ao seu ponto de vista, alimentando a “mais-valia” e contentando-se por ter o que nunca teve, ou seja, o mínimo, que se torna muito quando nada se tem. Foi o início de uma negociação de forças entre a classe empregada e a classe empregadora.

A carta de Vargas pode ser compreendida como a expressão da queda de um governo absolutista a partir do mais alto posto de um país, por não se sustentar com as mesmas bases políticas que possuía por ocasião da sua tomada.

Se analisado do ponto de vista de que havia indícios de uma revolta política contra o seu posicionamento, após anos de governo, o *varguismo* já começa a pender para esquerda, uma vez que, - de novo, - não foi eleito popularmente, - mas conduzido por uma manobra golpista e de apoio das oligarquias que futuramente teriam interesse em cobrar seu preço.

A “carta-testamento”, também pode ser vista como uma acusação formal que coloca em seus inimigos a culpa pela sua morte, quando em sua carta afirma, “Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. [...] Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte”, ele deixa claro que ao sair do poder, está abrindo as portas para que o povo se liberte, como uma espécie de mártir, reafirmando o compromisso de que os seus atos e o seu governo eram inevitavelmente o melhor para o Brasil.

Ainda há outra forma de compreender esta “carta-testamento” de Vargas, se observado a partir do ponto de vista da população da época, pois Getúlio trazia as suas ações impostas ao povo, ao tempo de concedia de forma “racionada” a liberdade, a riqueza e os seus direitos e garantias fundamentais, que mesmo sendo básicas, dava um ar de que as tinha. Este feito pode ser aludido ao comportamento descrito por Maquiavel, quando em conselho ao príncipe diz que é melhor ser amado que temido (capítulo XVII da crueldade e da piedade), e ao que se entende Vargas decidiu ser amado, permitindo que fossem criadas estruturas com sindicatos, ao tempo que dava a si mesmo o controle destas estruturas.

Após quase vinte anos no poder, o que significou a Era Vargas, já não se aceitava mais os seus princípios nacionalistas, e o mesmo grupo que lhe apoiou no primeiro golpe, agora lhe pressionava a deixar o governo para que fosse instaurado novo mandante, e em um ato de extremismo prefere o suicídio à rendição, até mesmo por acreditar que não seria mais possível retomar a confiança daqueles que o apoiaram quando da sua segunda ascensão.

Contudo, entende-se que o suicídio de Vargas tenha sido um ato puramente político, que inegavelmente evitou que a oposição chegasse ao poder se utilizando da mesma forma que ele chegou, pois este caminho, ele já conhecia bem e aproveitou para deixar as pessoas alertas de que isso poderia acontecer.

Ainda há o que se conjecturar: existiu, pois, um suicídio ou um plano arquitetado para um assassinato iminente? A investigação pela tentativa de assassinato do Jornalista Carlos Lacerda principal opositor de Vargas dezenove dias antes da sua morte culminou no início da sua derrocada. A fracassada tentativa poderia ter resultado em retaliação, contudo estas conjecturas são baseadas nas investigações que não convenceram a todos os especuladores, e baseadas nas entrelinhas da história de um país, que nunca pormenorizou os acontecimentos mais sombrios de sua história. Conclui-se que nesse fotograma de 1930 a 1945, nasceram pontos importantes da história do Brasil, contrastados com os demais momentos políticos vividos a partir de então.

3. De missiva ao povo brasileiro a um documento histórico

Os acontecimentos do período do Governo Vargas culminam neste documento histórico, a carta-testamento de forte tom emotivo, seguido do suicídio, que embora seja uma violência bárbara contra a moralidade, pode ser também entendida como um final altruísta de um presidente que mesmo após sucessivos golpes contra o Estado, continuaria sendo lembrado como o homem que mesmo com pulso firme e decisões monocráticas, teria colocado o país no caminho do progresso.

Neste contexto, fora redigida por ele a Carta, por ora, objeto de análise. No 1º parágrafo, observa-se a referência à gestão anterior do governo Getúlio Vargas conhecida como Estado Novo, período marcado por seu regime autoritário, posto que foi criada uma nova Constituição (1937) a qual ampliava o poder presidencial podendo assim intervir no poder Judiciário e Legislativo, desta forma, ele fora deposto, mas logo depois voltou ao poder nos braços do povo e utilizou da narrativa de vítima para fomentar seu super ego de herói, considerando herói como uma figura arquetípica com junção de atributos necessários para vencer obstáculos hercúleos em um determinado problema de dimensão épica. Esse termo refere-se originalmente a um protagonista de uma obra narrativa ou dramática. Conforme a mitologia grega, essa figura mítica posiciona-se de forma intermediária entre os deuses e os homens, sendo, em geral, filho de um Deus com uma mortal ou vice-versa. (JUNG, Carl G. 2008).

Portanto, o herói tinha dimensão semidivina, por isso, Getúlio pode ser considerado em sua epístola como herói, tendo em vista que heróis são aquelas pessoas invencíveis e que sempre fazem o bem, nunca perdem ou morrem, sendo eternizados em histórias e se autoconsagrando herói nacional.

Getúlio também coloca questões interessantes sobre os motivos da sua “retirada!”, ele enfatiza que está sendo alvo de inúmeros atos degradantes, cria uma perspectiva particular e única das ações como insultos e calúnias, instrumentos utilizados como argumentos *ad hominem*(falácias), desferindo um “soco” nos seus inimigos políticos e reafirmando seu papel de vítima além de deixar subentendido que aqueles que o atacam são incapazes de utilizar argumentos lógicos e verídicos sendo necessário atacá-lo como pessoa.

Quando ele afirma que estão sufocando sua voz e por consequência está sem ar, assim, ele implica não ter outra escolha e, por isso, não irá fazer o que um herói faz, que é defender a população, os humildes, como ele diz que sempre fez, além de evidenciar que a pressão sofrida por ele o está matando.

No 2º parágrafo, ele cita seus feitos e seus inimigos, assim ele se mostra útil e necessário ao país, pois Ele, somente Ele, seria capaz de garantir a liberdade social e a prosperidade da nação. Neste ínterim, novamente retorna à questão da liberdade dos trabalhadores e da garantia de trabalho. Haja vista que é um período de total incerteza internacional, em um momento de guerra mundial, a saber, 1945, Segunda Guerra Mundial. Logo, apresenta-se o herói do Brasil, o que já foi e será mais uma vez, o Salvador da Pátria, o herói de guerra. Quando afirma que voltou nos braços do povo, nota -se uma alusão a instintos maternos, que o povo é sua mãe, que ele é só um inocente defensor do pátria amada, além, é claro, de aludir a *Pietà* do artista Michelangelo feita no ano de 1499 a qual a Virgem Santa Maria segura em seus braços seu filho Jesus Cristo, colocando-se novamente como vítima de uma imensa atrocidade a que estava submetido e como uma figura santa.

No 3º parágrafo, o signatário retira a sua responsabilidade de cunho financeiro e a coloca sobre outros países e sobre os donos de multinacionais, ressaltando que empreendeu esforços para segurar com a ajuda do povo, estratégia que enaltece o ego do povo, dando a falsa sensação de interação do povo com a economia. Todavia, declara também que não foi uma pressão interna somente, mas que a economia brasileira fora atacada pela de outros países. Logo, esse fato, em uma época de guerra, se torna motivo para justificar o porquê de não ter tomado uma posição antes do final da guerra, neste sentido, camufla seus reais interesses em não se posicionar ao lado do Eixo ou dos Aliados, mas que, sim, sua escolha era ao lado do Brasil, do povo, dos trabalhadores. Getúlio narra ainda que havia uma guerra interna e não só externa a qual teve de combater, nas estatais brasileiras, a corrupção e abuso de poder das empresas estrangeiras que tinham lucros exorbitantes logrando o povo.

No quarto parágrafo, Getúlio ratifica a figura de um herói incansável e humilde, que suporta todo o peso sufocante do mundo calado que renuncia a si para o povo, trazendo a questão bíblica de Jesus na cruz, exposto na Bíblia (João, 15-13) "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.". alertando que o povo agora caiu em desamparo, ou seja, que com Ele o povo estava no céu e agora está em queda do paraíso, e continua utilizando uma linguagem muito semelhante a encontrada em missas católicas e na Bíblia, colocando-se na mesma posição de Jesus que só pode dar ao povo o seu sangue. Finalizando o parágrafo, demonstra o foco do seu sofrimento como culpa das aves de rapina, animais simbólicos dos EUA e do antigo império alemão.

Por conseguinte, afirma que essas aves de rapina querem sugar igual a um parasita o povo. Dessa forma, Getúlio oferece-se como barreira, para que isso não aconteça se sacrificando em holocausto, tornando-se vítima e salvador, e se comparando ao povo judeu que sofreu toda a brutalidade dos nazistas e regimes totalitários, assim afastando a visão do povo de que seu governo era totalitário e nazifascista, e colocando-se como uma vítima destes regimes autoritários.

No quinto parágrafo, ele segue, mas agora de forma mais nítida, com uma linguagem muito presente nos textos bíblicos, por exemplo, o uso dos pronomes *vos* e *convosco*, para assim trazer novamente a ideia de proximidade entre ele e Jesus, em uma demonstração de onipresença e imortalidade, portanto, assim como Deus utiliza a alma e sua energia para suprir não só a consciência dos fiéis como também como fonte "física" de poder, ele-Presidente- se coloca como fonte de apoio, bem como a religião. e para quem acredita e para finalizar com um tom dramático utiliza o sangue como uma forma de energia primitiva já que fez alusão ao fogo e complementa o parágrafo antecessor. E por fim, se mantém como humilde e bondoso, diz que

responde ao ódio com perdão, implicando que ele tem a capacidade de perdoar os pecadores que o fizera sangrar, assim tal qual Jesus fez.

No último parágrafo e mais enfático, o signatário termina seu discurso e acaba de vez com qualquer traço de revolta a seu governo e com qualquer opositor, deixando claro que o país enfrentava uma guerra e que ele saiu vitorioso, pois libertou o povo de sua escravidão fazendo alusão à escravidão, comparando-se com a Princesa Isabel. Por conseguinte, enfatiza que ele se sacrificou pelo povo e que sua alma se funde a alma dos brasileiros e o seu sangue o preço para libertar-se da escravidão que estes sofreram. Assim, ele lutou pelos direitos, por aquilo que é nato do povo a liberdade, que ele lutou sem proteção e de forma heroica pois deu seu peito a liberdade assim como e dito no Hino Nacional Brasileiro, o colocando novamente como herói do país.

Em suma, para terminar sua carta de “testamento”, Getúlio conclui que sua vida como um todo foi um presente ao povo e da mesma forma sua morte também, sendo dadas de bom grado e aparentemente “sem” pedir nada em troca, reafirmando que não tem receio de seus atos e ações, e assim, calmo e vitorioso caminha a uma nova jornada eterna na história do Brasil e do mundo, saindo da vida como Jesus e entrando na história como mártir.

4. Considerações finais

É curioso compreender que setenta anos depois, o país ainda caminha, com o mesmo apoio da elite dominante, e com abordagem sensível ao se dirigir às forças militares, por compreender que a história pode se repetir de forma mais moderna e com ares de século XXI, em que a elite cafeeira se converte em elite da agricultura e do campo, e a elite do leite, como mandantes da pecuária e a outra elite a da industrialização, como a terceira via, que emerge forte e controladora dos bens de produção.

Portanto, diante dos fatos, percebe-se que a linguagem sempre foi usada em prol da elite dominante, como um veneno ideológico que manipula o povo com o uso dos meios midiáticos os quais os detentores do poder político, econômico e social fazem uso, para manter a massa sob o julgo de um poder capitalista, que torna os cidadãos reféns, de uma minoria que se perpetua no poder: Empresários e Estado (Polícia).

A linguagem vai continuar nos mostrando vários caminhos a seguir, mas a escolha sobre qual seguir sempre será do povo; a ele caberá decidir qual deles é o melhor e mais verdadeiro para que deixemos essa triste página no passado: governo-economia-povo e tenhamos dias melhores para a nossa nação.

Neste sentido, como a linguagem foi usada e é usada para nos manipular podemos usá-la para reerguer não só o nosso país, mas também o nosso povo que carece até hoje de informações verdadeiras. O Brasil, assim como qualquer outro país, precisa de seu povo, esse, sim, é o verdadeiro herói, para evoluir e essa evolução urge começar por nós mesmos, para que dessa forma ninguém possa influenciar negativamente toda uma nação.

5. Referências

ALESP. *Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*. **O Suicídio de Getúlio Vargas**. Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=264453>>. Publicado em 23/8/2002. Recuperado em: 3 jul. 2022.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Delta, 1980. 1125 p.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Carta Testamento - Getúlio Vargas**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/getulio-vargas/carta-testamento-de-getulio-vargas>>. Recuperado em: 4 jul. 2022.

COMPARATO, Fábio Konder. **Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro**. Brasil de fato: uma visão popular do Brasil e do mundo, São Paulo, 11 mar. de 2014. Disponível em: <https://www.ajd.org.br/artigos/405-29compreensao-historica-do-regime-empresarial-militar-brasileiro>. Acesso em: 22 nov. 2022.

D'ARAUJO, Maria Celina. **Getúlio Vargas 1883-1954**. 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. – (Série perfis parlamentares ; n. 72). [Documento Eletrônico] disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/7264/getulio_vargas_2ed.pdf>.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Maria Lucia Cumo. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017